

Crítica // O frio da morte ★★★

A voluntária que veio do frio

Ricardo Daehn

Uma inesperada e rentável estreia de uma dupla em roteiros (Nicholas Jacobson-Larson, consagrado em departamento de música de equipes anteriores, e Dalton Leeb, ator) traz muito de qualidade para este drama policial passado em meio à intensidade da neve no estado norte-americano do Minnesota.

Dirigido pelo irlandês Brian Kirk — que já comandou episódios de *Dexter* e *Game of Thrones*, além do longa *Crime sem saída*, com Chadwick Boseman — *O frio da morte* adensa uma penca de talentos, a começar pela veterana Emma Thompson, estrela e produtora de um filme que combate situações de etarismo.

PARIS

Emma Thompson: talento em risco, no thriller *O frio da morte*

Na narrativa de *O frio da morte*, o passado da protagonista Barb (Emma) ganha forte peso. Tal qual Meryl Streep fez em *O rio selvagem*, que dependeu de intensa atividade de rafting, agora (dentro da escala lógica e com limitações), é a vez

de Emma agir. Sem quase saber, a personagem dela será exposta ao drama da jovem Leah (Laurel Mardesen), sequestrada, no meio do nada. Depois de sacramentar a imagem de uma babá, em *Nanny McPhee*, e desafiar padrões de nudez,

em *Boa sorte, Leo Grande*, Emma Thompson usará perspicácia e agilidade neste filme, que traz uma excelente direção de fotografia de Christopher Ross (o mesmo de *Yesterday*).

Ambiente do desacreditado policial *Boneco de neve*

(de 2017, com Michael Fassbender) e ainda para o delicioso *Louca obsessão* (com a vilã de Kathy Bates, vencedora de Oscar) o isolamento em meio à atordoante neve puxa a atenção neste filme que traz um lastimável personagem para o ator Marc Menchaca (de *Ozark*). Ele não passa de massa de manobra para a perversa caracterização de Judy Greer (*De repente 30* e *Jurassic World — O mundo dos dinossauros*), uma tipa endiabrada com a possibilidade de promover um transplante de fígado em um ambiente absolutamente precário. Sobrevivendo a incessantes desafios, Barb deixará sua marca na trama, quase um filme de terror, especialmente pela incontestável presença cênica de Emma Thompson.

Crítica // Isso ainda está de pé? ★★

Amar ou não: eis a questão

Ricardo Daehn

Os atores Laura Dern e Will Anett já tiveram romances fora do eixo em outros filmes, com maior destaque para Dern que esteve ótima, e ganhou Oscar, em *História de um casamento*.

Agora, nesta comédia dirigida por Bradley Cooper, as feridas não são nada aparentes e a instabilidade do casamento parece mais um capricho,

um real fricote. A vitalidade da personagem Tess apaga Alex, mais para esboço do que para protagonista.

Com a imagem pessoal algo desgastada, Bradley Cooper, depois dos sucessos de longas que tratam do showbiz (leia-se *Nasce uma estrela* e *Maestro*), aposta na arte como terapia — reconhecido por comédias, o canadense Arnett recorre ao stand-up, junto a completos anônimos, como meio de cura do casamento malfadado.

Muito superficial, o filme quase não abraça a visão das crianças (filhas da relação).

DISNEY

Isso ainda está de pé?: públicos ímpasses de uma relação



Quem mais desponta no contorno familiar é Christine Ebersole (Licorice Pizaza), no papel da mãe e sogra

agregadora. Completamente desprovido de constrangimento e com limitado amargor, Alex se expõe, mesmo sem

absoluto controle da plateia. A cena final, com a música *Under pressure* traz algum, breve encantamento.